



## CHEGA DE FIU FIU: CIBERFEMINISMO CONTRA O ASSÉDIO SEXUAL

### CHEGA DE FIU FIU: CIBERFEMINISM AGAINST SEXUAL HARASSMENT

Beatriz Magalhães<sup>1</sup>  
Carlise Dieminger<sup>2</sup>  
Jaqueline Bertoldo<sup>3</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir as ascendentes práticas ativistas dos movimentos feministas, realizadas através do uso da internet, em especial de blogs. A temática central gira em torno da luta e discussão propostas por estes grupos contra as situações de assédio sexual sofridas pelas mulheres atualmente. Como objeto de estudo, pretende-se verificar como se dão essas novas práticas ativistas e sua potencialidade para busca de transformação social. Assim, pretende-se analisar a campanha “Chega de Fiu Fiu”, desenvolvida pelo blog Think Olga, que consiste em uma campanha virtual contra o assédio sexual. Como metodologia, foi utilizado o método de abordagem dedutivo e a técnica de pesquisa bibliográfica. Pode-se verificar, enfim, que tais práticas têm permitido incluir na agenda de discussão social as pautas reivindicadas pelas feministas, gerando um processo em busca da transformação das realidades sofridas pelas mulheres que ainda refletem o modelo patriarcal de sociedade. A campanha demonstra essa realidade, como se verá a seguir.

Palavras-chave: blogosfera; ciberativismo; feminismo; assédio sexual.

#### ABSTRACT

This article aims to discuss the ascending activist practices of feminist movement, realized by the internet, especially by blogs. The central issue refers to this struggle and discussion proposed by these groups against the harassment that women have been suffering. As study object, it seeks to verify how are these new activists practices going and its potentiality in the social transformation pursuance. Therefore, it seeks to analyze the campaign “Chega de Fiu-Fiu”, developed by the blog Think Olga, that consists on a virtual campaign. The methodology used was the deductive approach method and bibliography research. We can conclude, finally, that these practices have been allowed to include in the social discussion agenda the claimed points by the feminists, generating a process for the transformation of the suffered reality by the women that still reflects the patriarchal society model. The campaign shows this reality, as will be seen.

Key-words: blogosphere; cyberactivism; feminism; sexual harassment.

<sup>1</sup> Graduada em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. [biamagalhaes008@gmail.com](mailto:biamagalhaes008@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria. [carlise\\_px@hotmail.com](mailto:carlise_px@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria. [bertoldojaque@gmail.com](mailto:bertoldojaque@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

Para contrapor à inferioridade milenar e cultural da mulher em relação ao homem, o feminismo é um movimento com histórico antigo que pauta a longa luta das mulheres contra a desigualdade de gênero, buscando sucumbir nada menos que a dominação imposta pelo patriarcalismo, a motriz de todo o sistema em que se insere a humanidade. Nas últimas décadas, seu poder de reivindicação tornou-se global, principalmente, pela maior remuneração salarial da mulher, os avanços na medicina e, ainda, através da tecnologia informacional, a qual facilitou a interconexão dessas mulheres e, por conseguinte, a conscientização das violações que ainda sofrem, dentre elas o assédio sexual e a reivindicação da liberdade de livre disposição de seus corpos.

Assim, a luta feminista encontrou um novo espaço onde propagar e fazer avançar suas pautas, visto que através das novas mídias sociais, em especial os blogs, pratica-se o ciberativismo ou ativismo digital, os quais consistem em ações políticas via internet em que os ativistas online, atuando de forma independente, organizam-se espontaneamente. Neste contexto, foi possível a criação de uma campanha de conscientização contra o assédio sexual sofrido pelas mulheres nos espaços públicos, promovida pelo blog “Think Olga” e cujo nome, “Chega de fiu fiu”, expressa nitidamente seus anseios por mudanças no cenário social em que sofrem as violações debatidas.

Objetiva-se, assim, examinar a campanha provida através do blog “Think Olga” e como, através de sua criação, foi possível a utilização de diversos mecanismos de conscientização da pauta feminista e a reivindicação contra o assédio sexual nos espaços públicos. Para além disso, interessa verificar quais foram as conclusões resultantes desta campanha, objetivos e produtos decorrentes dela e se auxiliam na conscientização do assédio sexual nos espaços públicos como uma violação à mulher.

Como metodologia, utilizou-se o método de abordagem dedutivo, em conjunto com a técnica de pesquisa bibliográfica, de maneira que, inicialmente, estudou-se o ativismo digital e, em seguida, suas consequências na esfera político-social e as possíveis conquistas advindas disso. Para isso, empregou-se como campo de estudo online o blog “Think Olga”, mantido e organizado por um grupo de mulheres, e que resultou na campanha objeto de análise do presente trabalho “Chega de fiu fiu”.

O presente artigo, o qual não pretende esgotar o estudo acerca do tema, divide-se



em duas partes *lato sensu*, sendo apresentando, em um primeiro plano, um estudo direcionado à luta feminista e suas significações, com posterior apresentação da mazela que persiste em nossos tempos, qual seja, o assédio sexual (1). Na sequência, a análise das novas tecnologias informacionais e as práticas ativistas desenvolvidas nesses meios, sendo finalizado com a análise da campanha “Chega de fiu fiu”, promovida pelo blog “Think Olga”(2).

## 1 FEMINISMO: A LUTA PELA RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

O feminismo é um movimento que considera a submissão que o machismo impõe às mulheres, sem representar o contrário deste, ou seja, não busca a inferiorização dos homens, mas sim que ambos os sexos não sejam discriminados e subjugados. Busca arregimentar todas as pessoas afetadas para que, com a troca de experiências e o diálogo em rede, reconstruam a sua identidade, deturpada pelo patriarcalismo, para transformarem, então, política e culturalmente, a sociedade. Como destaca Castells, “a autoconstrução da identidade não é a expressão de uma essência, mas uma afirmação de poder pela qual mulheres se mobilizam para mudar de como são para como querem ser. Reivindicar uma identidade é construir poder”<sup>4</sup>. Desse modo, com a conscientização em rede das mulheres acerca da repressão que sofrem, almejam obter a força necessária para a libertação do sistema patriarcal. Este é seu maior e mais difícil opositor por estar enraizado no âmago de todas as estruturas da sociedade.<sup>5</sup>

Neste aspecto, evidencia-se a importância do combate ao referido sistema, uma vez que, como consequência dele, possuindo uma imagem socialmente construída a partir de suas características físicas e em virtude da dominação exercida pelos homens, restou à mulher determinados papéis sociais, os quais a luta feminista sempre almejou afastar com a finalidade de reconstruir uma sociedade menos desigual e que coadune com os Direitos Humanos. Diante disso, destaca-se que as benesses alcançadas pelo feminismo libertam

<sup>4</sup> CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 235.

<sup>5</sup> “O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo” CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 169.



não apenas as mulheres, mas também os homens. Apesar do patriarcalismo conferir supremacias para estes, eles “têm sido vítimas do mito do macho, que os coloca como falsos depositários do supremo poder, força e inteligência”<sup>6</sup>.

Ao decorrer da luta feminista, as revoltas à estrutura patriarcal tiveram como força motriz as mudanças sociais das últimas décadas. A remuneração salarial ofereceu à mulher um poder de voto maior dentro da sua família porque, afinal, sua contribuição torna-se decisiva para o sustento desta. Colaborando com isso, o avanço da tecnologia informacional proporcionou às mulheres um compartilhamento amplo de conhecimento e vivências que possibilitou uma maior lucidez sobre as desigualdades que sofriam, notando, por exemplo, que muitas vezes só eram vistas como objeto de satisfação sexual. Passaram a reivindicar, então, o controle sobre o próprio corpo.

Isso significa que buscavam os prazeres da sexualidade, assim como os homens já possuíam, e que não queriam mais imposições em seu modo de vestir-se, muito menos tolerar constrangimentos nas ruas, incluindo os menores assovios que não deixavam de ser uma forma de analisá-las como objetos. Dessa maneira, a luta pela igualdade de gênero de outrora, já um tanto adormecida, desperta mais uma vez no final do último século, indignando-se com todos os fatores supracitados tomados como tradicionais e, por conseguinte, legitimados.

Enfim, o feminismo é considerado uma extensão da luta pelos direitos humanos, a qual delata a subordinação milenar das mulheres, e batalha por uma reconstrução do autoconhecimento dessas. Assim, “o feminismo tornou-se a palavra (e o estandarte) comum contra todas as causas de opressão feminina e à qual cada mulher, ou categoria feminina, vincularia seus temas e reivindicações.”<sup>7</sup>.

### 1.1 A luta contra o assédio sexual: uma luta contra a objetificação feminina

Merece evidência, como pauta de reivindicação atual, as questões relativas ao assédio sofrido pelas mulheres nos espaços públicos, muito em decorrência da objetificação que as mesmas sofrem ao longo dos anos, sendo tratadas como pertences de seus pais e posteriormente de seus maridos, reforçados pela exposição abusiva dos corpos

<sup>6</sup> TELES, Maria Amelia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 11.

<sup>7</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 219.



femininos, colocados quase como mercadoria nas propagandas veiculadas na mídia hegemônica, que acabam subsidiando o pensamento de que os corpos femininos podem ser possuídos e utilizados ao bel prazer masculino. As investidas abusivas costumam a ocorrer recorrentemente, de tal forma que acabam por produzir medo, uma vez que a relação entre homem e mulher na sociedade é embutida de uma relação de dominação de gênero, conforme conceitua Bourdieu<sup>8</sup>:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão andocêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos, é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais, é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.

Destaca-se do trecho acima que, assim como a dominação se estabelece de forma que dispensa justificação, o assédio nos espaços públicos, fazendo parte de tal sistema de dominação, também a dispensa, já que por vezes as chamadas “cantadas” de rua são entendidas socialmente como algo natural ou, ainda, como um elogio. Entretanto, estabelecer a diferença entre um mero elogio ou brincadeira e uma situação de nítido assédio é pertinente. Rodolfo Pamplona Filho conceitua o assédio sexual “como toda conduta de natureza sexual não desejada que, embora repelida pelo destinatário, é continuamente reiterada, cerceando- lhe a liberdade sexual”<sup>9</sup> de tal forma que, segundo o autor, conseqüentemente constitui-se uma limitação de livre disposição do corpo. Desta forma, transportando o conceito para assédio sexual nos espaços públicos vemos que, corriqueiramente, as mulheres são compelidas a se vestir de forma a cobrir seus corpos a fim de evitar o constrangimento a que estão sujeitas, em uma nítida forma de restrição da livre disposição de seus corpos.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Traduzido por Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 18.

<sup>9</sup> PAMPLONA FILHO, Rodolfo. Assédio sexual: questões conceituais. In: JESUS, Damásio Evangelista de; GOMES, Luiz Flávio. (Coord.). **Assédio Sexual**. São Paulo: Saraiva, 2002, p.110.



Por fim, vemos que o assédio sexual é tipo penal, entretanto, de acordo com a redação conferida pelo Código Penal, em seu artigo 216-A, existe uma limitação ao ambiente de aplicação de tal tipificação, uma vez que, segundo ele, o assédio consiste em “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”<sup>10</sup>. Desta forma, é limitada a repressão da conduta do assédio apenas ao ambiente de trabalho, não estendendo aos abusos cometidos nos espaços públicos. Em outros termos, os recorrentes constrangimentos enfrentados pelas mulheres apenas são conduta reprimível em nossa legislação se ocorrerem dentro do ambiente de trabalho, no mais a condenação não ocorre nem penalmente e nem socialmente.

Neste contexto, corresponde a uma importante pauta feminista a luta contra o assédio sexual nos espaços públicos e a liberdade de disposição de seus próprios corpos que, por vezes, em virtude do medo, são ocultados como forma de busca da autopreservação. Nada mais coerente e visível que há necessidade de empoderamento que, no estudo em tela, é representado pela insurreição contra a dominação justificada pelo sexismo e o patriarcado. Insurreição essa que teve que se valer de muitos aparatos durante sua evolução, estando, atualmente, os meios tecnológicos em maior evidência devido às particularidades que serão delineadas neste trabalho.

## II CIBERFEMINISMO E CHEGA DE FIU FIU: UMA CAMPANHA VIRTUAL CONTRA O ASSÉDIO

O advento e popularização das novas tecnologias digitais, principalmente a internet, trouxe profundas mudanças sociais ao ampliar profundamente a forma como os indivíduos interagem e trocam informações. “A facilidade e a velocidade do uso e da troca de informação pela internet passa a ter um papel central na nova sociedade”<sup>11</sup>, possibilitando, também a prática do ciberativismo, ou seja,

[...]toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão

<sup>10</sup> BRASIL. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal Brasileiro**. 53ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

<sup>11</sup> GUZZI, Drica. **Web e participação**. A democracia no século XXI. São Paulo: Editora Senac, 2010, p. 52.



social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do 'boca a boca' multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal.<sup>12</sup>

Nesse contexto, os blogs ou weblogs ganham notoriedade, pois “são ferramentas de publicação que facilitaram o processo de colocar informações na web”<sup>13</sup>, já que ultrapassaram os obstáculos técnicos que ainda dificultavam as publicações online. Assim, os blogs revelaram-se, a partir de suas possibilidades de livre emissão de conteúdo e interatividades, um excelente espaço para ampliar o debate trazido pelas feministas. Muitas delas migraram para o espaço virtual da blogosfera, criando suas próprias páginas para inclusão de conteúdos, bem como das pautas de luta do movimento feminista, propiciando debates e discussões das temáticas, através da interatividade proporcionada pelos blogs. Segundo Guzzi<sup>14</sup>,

O ciberespaço se torna cada vez mais um meio de exploração de problemas, de discussão pluralista, de evidência de processos complexos, de tomada de decisão coletiva e de avaliação dos resultados mais próximo das comunidades envolvidas. [...] Nesse contexto, a internet mostra-se um importante “lugar” - uma arena conversacional -, no qual o espaço se desdobra e novas discussões políticas podem seguir seu curso.

Ressalta-se, nesse contexto, a importância da emergência dessas mídias para as pautas feministas, visto que quase não encontram espaço nos setores tradicionais de produção de informação. Varela<sup>15</sup> explica que, nos blogs e outras mídias similares, há oportunidade para posições que sempre estiveram às margens, descentralizando o debate e multiplicando centros de poder da informação.

Através dos blogs, as feministas encontraram um espaço de empoderamento, onde passaram a propagar suas ideias e instaurar o debate social acerca das temáticas abordadas pelos movimentos feministas. Em decorrência disso, a blogosfera revelou-se um instrumento de articulação de laços e correntes para a transformação social, através da ampla proporção com a qual atinge os usuários da internet, como é o caso aqui em análise:

<sup>12</sup> UGARTE, David de. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: Edipucrs, 2008, p. 77.

<sup>13</sup> RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede**: Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 26.

<sup>14</sup> GUZZI, Drica. **Web e participação**. A democracia no século XXI. São Paulo: Editora Senac, 2010, p. 45.

<sup>15</sup> VARELA, Juan. **Jornalismo Participativo: O Jornalismo 3.0**. In: **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning, 2007.



a campanha “Chega de fiu fiu” tem sua história e motivação justamente a partir da criação de um blog feminista.

“Think Olga” é como foi denominado o blog criado por Juliana de Faria, jornalista formada pela PUC-SP e especialista em moda. Conforme sua descrição na página do blog “com o tempo, descobriu que gostava mais de falar sobre a mulher que veste a roupa do que sobre a roupa que veste a mulher”. O blog atualmente conta com a colaboração de outras profissionais parceiras, sendo composto por duas jornalistas, uma diretora de comunicação, uma advogada e uma Doutora em Ciências Sociais, ambas conselheiras do blog.

A Olga nasceu dessa vontade de criar uma conversa mais honesta com as mulheres, um papo livre de frases prontas, debates feitos no automático, estereótipos e informações desatualizadas. E essa capacidade de enxergar e se dirigir à mulher como um ser pensante e de direitos, com seriedade e sem ser condescendente é o mais importante para mim. Não só como jornalista e criadora da Olga, mas também como mulher.<sup>16</sup>

Nessa perspectiva, uma das importantes temáticas discutidas pelos grupos feministas são as tradicionais “cantadas” à que as mulheres ainda são submetidas, principalmente ao transitarem nos espaços públicos. Discussão essa que também teve espaço no “Think Olga” e gerou a criação de uma campanha virtual a partir do blog. Sobre o assunto, ressalta Faria<sup>17</sup>:

O assédio sexual tem causado impactos sérios e negativos na saúde física e emocional das mulheres. Entre os efeitos negativos relatados pelas vítimas, os mais citados são: ansiedade, depressão, estresse e distúrbios do sono. Além disso, muitas delas podam sua própria liberdade e seu direito de escolha – deixando de usar uma roupa ou de cruzar uma praça, por exemplo – por medo de sofrer tais abordagens. Então dizer não ao assédio é não aceitar mais que mulheres sejam vistas como objetos sexuais passivos ou como vítimas frágeis do poder dos homens. Dizer não ao assédio é afirmar que as mulheres podem e devem ter controle sobre a própria sexualidade. É mostrar que podemos igualar a voz e o poder da mulher na sociedade, é não submeter as mulheres aos papéis sociais tradicionais.

Conscientização e esclarecimento sobre a problemática é fundamental, visto que geralmente não se percebe o caráter prejudicial e de objetificação da mulher presentes

<sup>16</sup> FARIA, Juliana de. Ana entrevista: Juliana de Faria, Think Olga. Entrevistadora: Ana Luiza Gomes. **Ideafixa**, Campo Belo, 14 abr. 2014. Disponível em: <http://www.ideafixa.com/ana-entrevista-juliana-de-faria-think-olga/>. Acesso em: 21 mar. 2015.

<sup>17</sup> FARIA, Juliana de. **Chega de fiu fiu: um documentário sobre cantadas e assédio sexual**. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2014/11/21/ chega-de-fiu-fiu-um-documentario-sobre-cantadas-e-assedio-sexual/> > Acesso em: 23 mar. 2015.



nessas abordagens. Desse modo, a campanha “Chega de fiiu fiiu” é “uma campanha contra o assédio sexual em espaços públicos”<sup>18</sup>. Ao descrever a campanha na página do blog, a criadora aponta:

Quando transformamos em coisa rotineira o fato da mulher não ter espaços privados - nem mesmo serem donas do seu próprio corpo -, incentivamos a violência. E isso NÃO é normal. Vamos reforçar nossa luta contra o assédio, afinal, temos o direito andar na rua sem medo de sermos intimidadas. Para isso, manteremos o debate sobre assédio sexual vivo e frequente.<sup>19</sup>

Como parte da campanha, o Think Olga colocou no ar uma pesquisa elaborada pela jornalista Karin Huech, tendo sido registrado uma participação de 7.769 mulheres que responderam a um questionário sobre diversas situações de constrangimento e assédio sexual que vivenciaram. O número de participações bastante expressivo demonstra a capacidade comunicativa e organizativa da web. Ademais, evidencia-se a possibilidade de transcender o espaço que iniciou um determinado movimento através da formação de redes interativas e de propagação de informações.

Importa também ressaltar que essa pesquisa apresenta o problema a partir do olhar da vítima. Nessa senda, pode-se perceber a internet como mecanismo para dar voz àquelas que anteriormente estavam na condição de receptora de informação. Assim, através das páginas virtuais e dos blogs, em especial, garante-se à mulher espaço de livre expressão para trazerem à agenda pública de discussão suas pautas e olhares.

Os resultados da pesquisa foram reveladores ao apontarem que 99,6% das entrevistadas afirmaram já terem sido assediadas; 83% não acham legal ouvir cantadas; 81% das entrevistadas revelaram já ter deixado de fazer alguma coisa com medo do assédio e 90% já trocou de roupa em função do medo de sofrer assédio em determinados locais. Ou seja, os dados evidenciam a importância da realização da campanha virtual, ao passo que traz à tona nova percepção acerca do tema, de modo a vitalizar e ampliar o debate sobre situações de assédio tão vivenciado pelas mulheres.

Juntamente com os dados objetivos, a campanha também disponibilizou uma série de depoimentos de vítimas que experienciaram alguma situação de assédio sexual. Relatos das mais diversas mulheres foram coletados e compartilhados na web, dando espaço para informações que pouco tem relevância nas mídias tradicionais, visto que questiona a

<sup>18</sup> THINK OLGA. *Chega de Fiiu Fiiu*. Disponível em: <<http://thinkolga.com/cheга-de-fiiu-fiiu/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

<sup>19</sup> Ibidem.



estrutura hegemônica patriarcal da sociedade, revelando a necessidade de transformações sociais que realmente garantam a posição de igualdade à mulher. Na página da campanha, as blogueiras afirmam que a importância de mostrar essas experiências se deu por três motivos:

- 1) mostrar que é um problema coletivo e não individual. Ou seja, todo mundo sofre com assédio e têm histórias parecidas. E quem o sofreu não tem culpa por isso.
- 2) permitir que elas troquem experiências sobre como lidar com isso, desde como se defenderam na hora até como processaram ou o que aconteceu depois.
- 3) criar empatia nas pessoas que ainda acreditam que o assédio sexual não existe ou é bobagem. Uma coisa é falar em termos genéricos sobre a cultura do estupro. Outra coisa é você ter exemplos de todas as situações constrangedoras e reais que as mulheres vivenciam.<sup>20</sup>

Como complementação, nesse mesmo sentido foi desenvolvido o “Mapa chega de fiu fiu”, que consiste em uma página na internet com um mapa do Brasil, onde qualquer vítima de assédio pode relatar um caso, registrando o local onde ocorreu. Da mesma forma, qualquer pessoa pode escolher um local específico e ter acesso aos casos relatados. Trata-se de “uma ferramenta colaborativa para mapear os pontos mais críticos de violência contra as mulheres no Brasil”<sup>21</sup>.

O blog também se revelou como uma plataforma inicial para instrumentos informacionais serem lançados ao público alvo. Assim, como parte da campanha, partiu-se para a criação do e-book “Meu corpo não é seu: desvelando a violência contra a mulher”, bem como para a de um cordel, de autoria de Jarid Arraes em parceria com o blog, e de uma cartilha sobre o assunto, esta com coautoria da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, além de já estar em desenvolvimento o projeto de um documentário.

Tantas iniciativas para se materializar o conhecimento foram instigadas pela ideia de que o “feminismo é a conquista de poder pela informação”<sup>22</sup>, como defende a criadora do blog, Juliana Faria. Assim, ao pugnar para que as mulheres se empoderassem como sujeito transformador histórico-social, elegeu-se o compartilhamento informacional como recurso essencial para os direitos reivindicados serem conquistados ou efetivados,

<sup>20</sup> THINK OLGA. **Chega de Fiu Fiu**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> FARIA, Juliana de. Ana entrevista: Juliana de Faria, Think Olga. Entrevistadora: Ana Luiza Gomes. **Ideafixa**, Campo Belo, 14 abr. 2014. Disponível em: <http://www.ideafixa.com/ana-entrevista-juliana-de-faria-think-olga/>. Acesso em: 21 mar. 2015.



considerando-se que “uma mulher bem informada - dos seus direitos, das suas possibilidades e principalmente de realidades tristes e injustas - é uma mulher com mais força para lutar e para buscar alternativas e mudanças”<sup>23</sup>.

O ciberativismo no caso em estudo proporcionou às ativistas que o debate transpassasse do espaço online ao âmbito do poder público. Em parceria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, foi disponibilizada à população uma cartilha a respeito da ofensividade do assédio sexual e como protestar por seus direitos, combatendo-se as violências. Intitulada “Denuncie: chega de fiu fiu”, a cartilha foi lançada em 25 de novembro de 2014, no Dia da Não Violência Contra a Mulher e início da campanha 16 Dias de Combate à Violência de Gênero, e trata de questões como “o que é assédio sexual?”, “por que é um comportamento nocivo?”, “como denunciar?” e “como encaixá-lo na lei?”<sup>24</sup>.

Também se considera que o debate acerca do assédio sexual não ficou restringido à blogosfera ao constatar-se que o blog Think Olga lançou seu ebook “Meu corpo não é seu: desvelando a violência contra a mulher”, escrito por Juliana de Faria, jornalista formada pela PUC-SP e criadora da OLGA, e Bárbara Castro, conselheira da OLGA, socióloga e doutora em Ciências Sociais pela Unicamp e especialista em discussões sobre trabalho e gênero. O trabalho é um ensaio sobre a violência contra a mulher, publicado pela Breve Companhia, selo da Companhia das Letras, lançado em 10 de junho de 2014, em São Paulo, e disponível para download nos sites da Cultural, Kobo, Amazon e Apple Store<sup>25</sup>.

Ainda sobre o assédio sexual, por meio de um documentário em desenvolvimento, estabelecer-se-á um diálogo entre vítimas, opressores e estudiosos do tema, tendo-se como objetivo a reprodução de violências às quais as mulheres são submetidas e o consequente contato do telespectador com tais abusos. O projeto foi disponibilizado no Catarse, uma plataforma de financiamento coletivo, e arrecadou 64.448 reais dos 20.000 reais iniciais esperados. Conforme informativo do Catarse, o projeto foi “bem-sucedido” e financiado em 16 de janeiro de 2015<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> THINK OLGA. **Chega de Fiu Fiu**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 24 mar. 2015

<sup>25</sup> THINK OLGA. **Notícias: Olga lança ebook Meu corpo não é seu**. 10 jun. 2014. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2014/06/10/olga-lanca-ebook-meu-corpo-nao-e-seu/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

<sup>26</sup> CATARSE. **Documentário Chega de Fiu Fiu**. Brodagem Filmes. Disponível em: <<http://www.catarse.me/pt/videochegadefiu>>. Acesso em: 22 mar. 2015.



Esse documentário tem como proposta percorrer os locais denunciados na campanha “Chega de fiu fiu” e captar assédios sexuais em tais espaços públicos por meio de um par de óculos com uma micro câmera escondida, utilizado por mulheres ao vivenciarem sua rotina. Ao interligar os três dos principais protagonistas desse problema social - vítimas e seus algozes, além de especialistas no assunto -, o projeto “permite uma visão completa sobre o assunto, investigando suas causas, suas motivações, seu contexto social e soluções para a violência.”<sup>27</sup>.

O blog também teve como fruto um cordel denominado “Chega de fiu fiu”, exclusivo para o projeto do documentário “Chega de Fiu Fiu”. A literatura foi escrita por Jarid Arraes, em parceria com o blog, “por concordar totalmente com a abordagem do projeto e apoiar a iniciativa”<sup>28</sup>. O cordel estava entre outras recompensas que os colaboradores ganhavam ao fazer doações para o projeto.

Desse modo, nesse caso em que, por meio da campanha criada a partir de um blog, confeccionaram-se e-book, documentário (ainda em desenvolvimento), cordel, e cartilha, todos sobre a problemática do assédio sexual, para a sociedade acessar outros ângulos de determinado assunto, a consequência pode ser uma conscientização coletiva acerca das transformações necessárias para que não mais se sinta violentado esse grupo de mulheres. Assim, observa-se um importante propósito democrático a que serve a blogosfera além da horizontalidade nos diálogos: desestruturar a reprodução de pensamentos opressores cuja transmissão, muitas vezes, ocorre como sendo em caráter de verdade absoluta e de maneira unilateral pelas velhas mídias.

Tal possibilidade é oportunizada pelo ciberespaço que, juntamente com o futuro da internet, “apontam para essa noção de diálogo: o caráter comunicativo, conversacional e não apenas informativos das novas mídias”<sup>29</sup>. A internet permite o acesso e a produção do conteúdo por apresentar-se como uma plataforma interativa, “ambiente fértil que reforça, por meio do acesso e da autorreprodução e compartilhamento de informações, o debate, o desenvolvimento expressivo das múltiplas opiniões, a participação e a

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> ARRAES, Jarid. Chega de Fiu Fiu: um documentário sobre cantadas e assédio sexual. **Portal Fórum**, São Paulo, 21 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2014/11/21/chega-de-fiu-fiu-um-documentario-sobre-cantadas-e-assedio-sexual/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

<sup>29</sup> LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 237.



representação, não do tipo personalística ou profissional, mas enquanto autorrepresentação [...].”<sup>30</sup>. Dessa maneira, o compartilhamento de experiências facilitado pela blogosfera reforça a noção nas mulheres de que desigualdades podem ser politizadas, podendo-se inclusive desestruturar a hegemonia patriarcal.

## CONCLUSÃO

A histórica luta das mulheres por igualdade de direitos, no Brasil e internacionalmente, transpassou diferentes épocas, e, atualmente, se incluiu em um novo cenário, o tecnológico-informacional, do qual se apropriou para incluir, na agenda de discussão política, temáticas relacionadas às suas lutas. Nesta senda, o poder distribuído em rede por intermédio da blogosfera tem a capacidade de rediscutir os fatos ditados pela hegemonia patriarcal através de uma ordem espontânea.

Nessa linha, a plataforma virtual apresentou-se como um ambiente de empoderamento para as ativistas no caso do blog Think Olga que, ao promover a campanha “Chega de fiu fiu”, utilizaram-se da fluidez da internet para atingir materialmente o meio off-line. Este é proeminente interferido diante da conexão, alcançada pela campanha e sua visibilidade pulverizada pela internet, entre os principais protagonistas do problema social debatido: vítimas, opressores, poder público e estudiosos do tema, como se constatou no decorrer deste artigo.

Nesse ínterim, os dados expressivos da pesquisa realizada na campanha revelam-se potenciais conscientizadores dos direitos reclamados pelas ativistas, o que, aliado à capacidade do meio online de estender a repercussão de suas reivindicações, possibilita que as mulheres sejam protagonistas de transformações sociais.

Ademais, os vários resultados materiais da campanha lançada a partir do blog, como o e-book, o documentário (ainda em desenvolvimento), o cordel e a cartilha, todos sobre a problemática do assédio sexual, também são indicadores significativos de que os ativismos digitais não se restringem ao meio online. Muito pelo contrário, visam

<sup>30</sup>TORRES, Julliana Cutolo. *Cyborgcracia: entre a gestão digital dos territórios e as redes sociais digitais*. In: DI FELICE, M. (Org.) *Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social*. São Paulo: Difusão Editora, 2008, p. 245.



especialmente atingir o meio off-line para que seus direitos sejam alcançados e/ou efetivados.

Nesse sentido, destaca-se a cartilha em coautoria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, a qual, ao ser distribuída para a população, reproduz as reivindicações debatidas online pelas ativistas, além de informar as pessoas sobre o que é o assédio sexual, arregimentar os simpatizantes da causa e conscientizar os homens acerca de seu cultivo naturalizado de opressões em desfavor das mulheres.

Destarte, percebe-se que o ativismo online confere ao cidadão que ele seja influente nas mudanças da agenda pública, desconstruindo-se o pensamento enraizado na cultura representativa e avançando-se para um norteado pela cultura participativa. Esse breve estudo indica, assim, uma percepção mais relevante das condições das mulheres por parte da sociedade, através de ativismos online em blogs, o que influencia diretamente na sua reconstrução de identidade e conseqüente empoderamento.

## REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. Chega de Fiu Fiu: um documentário sobre cantadas e assédio sexual. **Portal Fórum**, São Paulo, 21 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2014/11/21/chega-de-fiu-fiu-um-documentario-sobre-cantadas-e-assedio-sexual/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Traduzido por Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal Brasileiro**. 53ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CATARSE. **Documentário Chega de Fiu Fiu**, por Brodagem Filmes. Disponível em: <<https://www.catarse.me/pt/videochegadefiufiu>> . Acesso em: 22 mar. 2015.

FARIA, Juliana de. Ana entrevista: Juliana de Faria, Think Olga. Entrevistadora: Ana Luiza Gomes. **Ideafixa**, Campo Belo, 14 abr. 2014. Disponível em: <http://www.ideafixa.com/ana-entrevista-juliana-de-faria-think-olga/>. Acesso em: 21 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Chega de fiu fiu: um documentário sobre cantadas e assédio sexual**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2014/11/21/chega-de-fiu-fiu-um-documentario-sobre-cantadas-e-assedio-sexual/>> Acesso em: 23 mar. 2015.

GUZZI, Drica. **Web e participação**. A democracia no século XXI. São Paulo: Editora Senac, 2010.



LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo brasileiro: revolução de ideias e políticas públicas. In: GERALDO DE SOUSA JUNIOR, José; STEFANOVA APOSTOLOVA, Bistra; GIMENES DIAS DA FONSECA, Livia. (Orgs.) **O Direito Achado na Rua**, vol. 5. Introdução crítica aos direito das mulheres. Brasília: CEAD, FUB, 2011.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e a blogosfera: o meio e a comunidade. In: **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PAMPLONA FILHO, Rodolfo. Assédio sexual: questões conceituais. In: JESUS, Damásio Evangelista de; GOMES, Luiz Flávio. (Coord.). **Assédio Sexual**. São Paulo: Saraiva, 2002.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede: Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

TELES, Maria Amelia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

TORRES, Julliana Cutolo. **Cyborgcracia: entre a gestão digital dos territórios e as redes sociais digitais**. In: DI FELICE, M. (Org.) **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Paulo: Difusão Editora, 2008.

THINK OLGA. **Chega de Fiu Fiu**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Notícia: **Olga lança ebook Meu corpo não é seu**. 10 jun. 2014. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2014/06/10/olga-lanca-ebook-meu-corpo-nao-e-seu/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

UGARTE, David de. **O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

VARELA, Juan. **Jornalismo Participativo: O Jornalismo 3.0**. In: **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.